

# A SUBJETIVIDADE EM ENSAIOS ACADÊMICOS<sup>1</sup>

Maria Aparecida de Almeida Rego<sup>2</sup>  
Thábata Marques Liparotti<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisamos três ensaios da revista *Linguagem em (Dis)curso* identificando as marcas de subjetividade, características do ensaio à Montaigne presentes no ensaio acadêmico. Parte-se do pressuposto que ao adentrar a academia, o ensaio surge de um gênero livre, para associar certas amarras necessárias à comunidade científica. Além disso, analisamos as flutuações de nomenclatura com que cada autor classifica e autodenomina o seu ensaio.

**Palavras-chave:** Gênero acadêmico. Ensaio. Subjetividade.

**Abstract:** Here we review three trials of the journal *Language in (Dis) course* identifying marks of subjectivity, characteristics of the test to Montaigne in the present academic essay. Furthermore, it is assumed that upon entering the academy, the test arises of a gender free to associate certain bonds required for the scientific community. Furthermore, we analyze the fluctuations of nomenclature that classifies each author calls himself and his essay.

**Keywords:** Gender academic. Test. Subjectivity.

## 1. Introdução

E ainda nas mais díspares e conflitantes definições do ensaio tem sido sempre uma característica comum: a sua condição subjetiva, e é esta subjetividade que paradoxalmente causas ambiguidade e dificuldade de definição. (GOMES MARTINEZ)

O ensaio, como gênero literário, produto de uma escrita subjetiva e de forma livre, é uma composição de vários elementos que tornam difícil a sua caracterização. Marcado pelo

---

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido a partir de pesquisas realizadas na disciplina de Leitura e produção de gêneros acadêmicos II, oferecido pelo departamento de Letras da UFRN, 2009.1, ministrada pela prof<sup>a</sup> Ms Sylvia Coutinho Abbott Galvão.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa/UFRN. Atuação como professora da rede pública de Natal. E-mail:<cidinhalettras\_ufrn@yahoo.com.br>

<sup>3</sup> Formação no curso de Dança bacharelado e Licenciatura pela Faculdade de artes do Paraná, atuação com balé clássico e dança contemporânea. E-mail:<thalipa@gmail.com>

hibridismo, apropria-se de características de outros gêneros textuais, principalmente dos que se utilizam do sujeito em primeira pessoa, como, por exemplo, a autobiografia.

Desde sua origem, ainda no século XVI quando foi criado pelo escritor francês Michel de Montaigne, até os dias de hoje, é quase impossível estabelecer uma rigorosa definição para o gênero. Se tomarmos como princípio a própria definição da palavra *ensaio* (prova, experiência, tentativa, treino, teste, dentro outros valores denotativo), poderemos afirmar que a vida humana é um ensaio. Para Montaigne, o primeiro a utilizar o termo, o ensaiar seria o exercício livre do pensamento, e a liberdade, uma característica marcante na produção ensaística. Como dizia Montaigne (apud GALVÃO, 2006, p. 9):

Minhas concepções e meus pensamentos só avançam às apalpadelas, cambaleantes, a escorregar entre tropeços; e por mais longe que vá, não fico satisfeito; vejo terras ainda além, mas turvas e enevoadas e não as posso distinguir. E, se me proponho falar à verdade de tudo o que se apresenta à minha fantasia, não empregando nisso senão os meus recursos naturais, acontece-me não raro encontrar por acaso nos bons autores os mesmos assuntos que procuro comentar, como vem de suceder Plutarco acerca da força da imaginação; e ao reconhecer-me diante deles tão fraco e insignificante, tão pesado e sem vida, tenho piedade de mim mesmo, e desdém. Todavia, sinto prazer em verificar que minhas opiniões têm a honra de ir ao encontro das deles. Às vezes, e embora de longe, sigo-lhes as pegadas. E também tenho esta vantagem que nem todos têm, que é conhecer a profunda diferença que há entre mim e eles. E, no entanto, deixo os meus pensamentos correrem assim fracos e pequenos, como os concebi, sem rebocar nem tapar os buracos que a comparação me revelou. (...) Exponho aqui meus sentimentos e opiniões, dou-os como concebo e não como os concebem os outros; meu único objetivo é analisar a mim mesmo e o resultado dessa análise pode, amanhã, ser bem diferente do de hoje, se novas experiências me mudarem. Não tenho autoridade para impor minha maneira de ver, nem o desejo, sabendo-me mal-instruído para instruir os outros. (MONTAIGNE, 1987, p.211-13)

Buscando identificar características do ensaio à Montaigne remanescentes no ensaio acadêmico, traçamos uma análise da subjetividade como marca ensaística.

Desde a sua criação, o ensaio tem como uma das principais características a subjetividade. O ensaísta, embora não se destine a convencer o seu interlocutor, quer ao menos apresentar sua perspectiva subjetiva, seu julgamento, sua reflexão sobre fatos que fazem parte de seu contexto e, muitas vezes, de sua própria vida. Assim, presenciamos, também, no ensaio as circunstâncias da época em que o ensaísta viveu.

O elemento essencialmente intrínseco, a subjetividade, é a marca do sujeito: algumas vezes, explícito, quando o “eu” se posiciona num texto a partir de sua perspectiva sobre a vida; outras vezes, implícito, quando o “eu” explícito pode tornar-se então um sujeito mascarado, devido à exigência de determinados discursos, a exemplo do científico em que se mantém um distanciamento do autor em relação ao objeto utilizado.

O ensaio descreve e analisa um tema, sobre um assunto qualquer, sem se basear em formalidades externas como documentos e provas de caráter científico. Portanto, o ensaio percorre uma trajetória histórica entre o “ensaio **de**”, tendo o autor como o próprio objeto de reflexão, isto é, o ensaio à Montaigne, para vir a ser o “ensaio **sobre**”, em que o objeto se sobrepõe ao sujeito, característica que se acentua quando o gênero passa a circular na esfera acadêmica.

## 1 Pressupostos teóricos

Com o ensejo de estabelecer parâmetros teóricos que sustentem a análise do *corpus*, é necessário tecermos algumas considerações iniciais sobre as concepções de gêneros textuais, ensaio e artigo acadêmicos, nas quais fundamentamos nossa análise. Também são objeto de estudo as normas de publicação da revista da qual foram retirados os textos do nosso *corpus* de pesquisa.

Historicamente, não existe uma data específica para o surgimento dos gêneros textuais, uma vez que a comunicação oral ou escrita sempre existiu. Mas, por volta do século VII a.C., com o surgimento da escrita alfabética, os gêneros começaram a se multiplicar, e hoje, com a ampliação da cultura eletrônica, torna-se impossível a quantificação dos gêneros textuais.

Tomamos como gêneros textuais qualquer tipo de ação sociocomunicativa oral ou escrita que, para Marcuschi (2003, p. 30) “são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Assim, quando interagimos com as pessoas por meio da linguagem oral ou escrita, sempre produzimos tipos de textos que, com poucas variações, se repetem quanto ao conteúdo, ao tipo de linguagem e à estrutura, constituindo os gêneros textuais.

Segundo Dolz e Schneuwly (apud PINTO, 2003), podemos dividir os gêneros em cinco grupos, de acordo com as situações sociais de uso:

- a) narrar: como romance, fábula, biografia romanceada, conto, novela, etc;
- b) relatar: como notícia, relato de experiência, diários, autobiografia, etc;
- c) argumentar: como debates, carta do leitor, textos de opinião, resenha crítica, ensaio, etc;
- d) expor: como palestra, exposição oral, relatório científico, verbete, etc;
- e) instruir: como receitas, regras de jogo, regulamento, textos instrucionais, etc.

Partindo de uma prática acadêmica, torna-se cada vez mais necessário o conhecimento dos gêneros de circulação acadêmica para fins de divulgação de trabalhos e pesquisas científicas. Segundo Motta-Roth (1999 p. 120), o conceito de gênero discursivo é “texto construído em estágios retóricos, com forma e objetivo comunicativo sistematicamente associado a um contexto social onde uma dada atividade humana está se desenvolvendo.”

Partindo do princípio de que o ensaio pertence ao grupo dos gêneros textuais argumentativos, ele é um texto que se propõe a defender uma posição sobre determinado tema sem pretensão de finalizar a discussão. O ensaio não se limita a pertencer a determinada área da ciência, cruzando elementos da filosofia, da literatura, além de ser utilizado para divulgação de conhecimento científico. Por tal hibridismo, o ensaio torna-se um texto, segundo Glaudes e Louette (apud MATIAS, 2007, p. 575-576), um gênero miserável e afortunado.

Pierre Glaudes e Jean-François Louette afirmam que, o ensaio é um texto concomitantemente miserável e afortunado. (cf. GLAUDES, LOUETTE, 1999, p. 3): miserável, porque é um conceito que tem servido como “etiqueta”, rótulo” a uma vasta panóplia textual que, em muitos dos casos, não engloba de facto ensaios; afortunado, precisamente, pela ausência dessa precisão na designação e utilização do conceito e no seu referente, congeminência que lhe tem permitido uma efectiva sobrevivência e expansão.

Ainda consoante o pensamento de Glaudes e Louette, temos a liberdade como uma das características mais marcantes do ensaio, exatamente por este apresentar uma fragilidade formal, resultado de um processo de pensamento e de escrita livre. Isso possibilita digressões temáticas muitas vezes inesperadas pelo próprio ensaísta, o que corresponderia a um ensaio livre, isto é, descomprometido com as regras formais da produção científica.

Se a liberdade formal do ensaísta e a subjetividade presente são características marcantes do ensaio, como esse gênero tem um espaço garantido na esfera científica, uma vez que o discurso da ciência se faz por modelos preestabelecidos e de acordo com certas convenções?

O ensaio acadêmico surge a partir do questionamento de teorias para apresentar uma outra, a do próprio ensaísta, além de utilizar um objeto para estudo, sofrendo, assim, modificações para ser inserido no discurso científico. Algumas estratégias são utilizadas, como, por exemplo, o apagamento do “eu”: o sujeito apresenta-se “como se fosse um outro, mas, sutilmente, imiscui-se no discurso conhecido, no discurso do outro, alterando-o e deixando a marca de sua presença” (POSSENTI, 2002. p. 69).

O discurso científico deve ter um estilo de linguagem prefixado para ser reconhecido e aceito como tal. Para isso, cabe ao autor usar a impessoalidade e seguir as normas referentes ao tratamento da linguagem e do sujeito.

Entre os gêneros acadêmicos, o artigo científico apresenta-se como o principal meio de divulgação na esfera acadêmica. Nesse gênero, o autor se apropria de uma sequência geral básica em que se organizam as partes do texto, além da “tentativa de apagamento do enunciador” (CORACINI, 1991, p.89), na qual a atenção é direcionada ao objeto em discussão. Essas normas de inclusão no meio científico proporcionam ao autor buscar legitimar seu discurso através do discurso-outro já autorizado institucionalmente, à medida que se distancia do seu próprio texto.

Neste trabalho analisamos textos publicados na seção ensaios da revista *Linguagem em (Dis)curso* nº , a fim de identificarmos e confrontarmos as manifestações de subjetividade presentes nos gêneros ensaio e artigo acadêmicos.

## 2 Marcas de subjetividade em ensaios acadêmicos

### 2.1 Descrição do corpus

Para a revista *Linguagem em (Dis)curso*, o ensaio é classificado, a partir das normas de submissão definidas pelo periódico: “[...] texto com o mínimo de 5.000 e o máximo 10.000 palavras, contendo discussão de um problema teórico relevante ao campo que se insere”. Na edição de número 1 jan/abr. 2009, a revista apresenta quatro ensaios, um foi eliminado do corpus por estar redigido em língua inglesa. Assim o corpus ficou constituído dos seguintes ensaios apresentados no quadro abaixo:

1	ZIR, Alessandro. <b>A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de Vico. Linguagem em (Dis)curso</b> , Tubarão: UNISUL, v. 9, n. 1, p. 107-130, janeiro/abril, 2009.
2	BRAGA, Sandro. <b>A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. Linguagem em (Dis)curso</b> , Tubarão: UNISUL, v. 9, n. 1, p. 131-155, janeiro/abril, 2009.
3	SILVA, Renata. <b>Linguagem e ideologia: embates teóricos. Linguagem em (Dis)curso</b> , Tubarão: UNISUL, v. 9, n. 1, p. 157-180, janeiro/abril, 2009.

Quadro 1 - *Corpus*

No primeiro, *A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de Vico*, Alessandro Zir apresenta e discute a tese de Vico da primazia da linguagem

poética e metafórica sobre a linguagem abstrata e literal. Tratando-se de um ensaio argumentativo e de uma discussão filosófica, o autor tenta objetivar o discurso utilizando-se da terceira pessoa, para mascarar o sujeito “eu” e deixar a subjetividade implícita, o que é percebido pelo posicionamento frente às questões apontadas no texto.

Em seguida, Sandro Braga, em seu ensaio *A tatuagem como gênero: uma visão discursiva* defende, a partir da perspectiva bakhtiniana e de subsídios da análise brasileira de discurso, a possibilidade de se estudar a tatuagem como um gênero. Em seu texto, percebemos claramente o uso da primeira pessoa nas marcas discursivas.

No último ensaio, *Linguagem e ideologia: embates teóricos*, Renata Silva, atendo-se às formulações teóricas de diversos autores, elabora um panorama crítico do conceito de ideologia e de sua relação com a linguagem. Aqui as marcas de primeira pessoa também são presentes, porém é notado um maior distanciamento da autora por se tratar de uma revisão literária da temática. No final do texto, a autora se posiciona com mais ênfase ao apresentar um embate teórico em que classifica semelhanças e diferenças entre os autores estudados.

## 2.2 Análise

Para analisarmos o *corpus* deste estudo, foram identificadas, em cada um dos ensaios, marcas de subjetividade explícitas, para, a partir destas, mensurar, mesmo que de modo subjetivo, como se apresenta o sujeito “eu” no ensaio acadêmico. A primeira dessas marcas a ser identificada é em que pessoa os verbos são conjugados na escrita desses ensaios.

As pessoas dos verbos contabilizadas são aquelas por meio das quais o autor se manifesta: em primeira pessoa do singular, assumindo-se explicitamente como sujeito da ação; em primeira pessoa do plural, quando o sujeito se assume como protagonista, mas inclui outros sujeitos não marcando tanto seu posicionamento frente ao texto; e em terceira pessoa, emprego característico da linguagem científica, na a qual há uma tendência a “neutralizar” esse sujeito da ação. Aparecem ainda outras marcas identificadas gramaticalmente no texto, mas, como não ocorrem com tanta frequência, foram considerados casos isolados.

No Quadro 2 é possível visualizar o número de ocorrências identificadas em cada um dos ensaios nas três diferentes pessoas (“eu”, “nós” e “eles”).

Pessoas Ensaio	EU	NÓS	ELES
1	0	33	10

2	46	28	26
3	10	1	7

Quadro 2 - Ocorrências de pessoas dos verbos

No *Ensaio 1*, observam-se os seguintes dados: o maior número de ocorrências da primeira pessoa do plural, nenhuma ocorrência da primeira pessoa do singular e aproximadamente 1/3 das ocorrências da terceira pessoa em relação ao “nós”. O fato de não priorizar o emprego da primeira pessoa do singular pode significar que o autor evita assumir individualmente a sua argumentação perante a questão apresentada.

Porém, mesmo visualizando o uso de um sujeito que se apresenta como uma figura ampliada da ação discursiva, e, mesmo por se tratar de um ensaio argumentativo, percebe-se um sujeito participativo da ação. Confirma-se, assim, a discussão defendida por POSSENTI (2002) ao acreditar que, por mais que um sujeito se ausente da ação discursiva, ele está sempre carregado de outros “eus” para afirmar seu próprio discurso:

[...] o estruturalismo [...] estabeleceu como um lugar comum que o indivíduo que fala é pouco mais (quando é) que um porta-voz de discursos que o antecedem, definindo o sujeito basicamente pelo assujeitamento. (POSSENTI,2002, p. 61)

Considerando o fato de esse ensaio em análise ter um caráter filosófico, a própria escolha do não uso do “eu” no texto demonstra uma característica de seu autor. Parece tratar-se de um sujeito que “defende” uma tese e por defender algo utiliza-se de seu discurso para apresentar um ponto de vista e embasá-lo de modo que se sustente. Esse sujeito é mais característico e também mais aceito no discurso científico. O “nós”, neste caso, é a soma do “eu + eles” propondo um diálogo na exposição dos fatos e na sua argumentação.

Outro aspecto observado neste ensaio é a classificação do texto, por parte do autor, como artigo, embora ele esteja inserido na seção ensaios da revista. Isso é constatado em diversas partes do texto:

“O objetivo deste artigo é sustentar, com base no pensamento do filósofo italiano moderno Giambattista Vico.[...]” (p. 108)

“Nosso artigo começa com uma caracterização da linguagem metafórica, feita justamente a partir [...]” (p. 110)

Pode-se pensar que as flutuações de nomenclatura (para Zir, ora “artigo” ora “trabalho”; para a revista, “ensaio”) manifestam conflitos quanto ao gênero, característicos da

problematização existente na classificação do ensaio, principalmente quando este adentra na academia.

A autodenominação de “artigo” em contrapartida à classificação da revista trata-se também um objeto de reflexão deste nosso artigo, ou seja, identificar quais características do ensaio são remanescentes quando o gênero passa a circular na esfera acadêmica.

No caso do ensaio 1, pode-se afirmar que, para a revista as seguintes características seguintes definiram a classificação deste texto para sua publicação como ensaio: 1) o posicionamento do autor, mesmo que não explícito no uso da primeira pessoa do singular, mas aparente na defesa de uma tese num texto argumentativo, com seu posicionamento filosófico e teórico; 2) o próprio caráter reflexivo de sua temática, ou melhor, a apresentação de um novo olhar sobre uma mesma questão.

Contrariamente ao Ensaio 1, o Ensaio 2 apresenta em sua escrita diversas marcas características do ensaio à Montaigne, sendo, talvez, o texto do *corpus* que mais tenha identidade com as formas originais do gênero. Primeiramente, o uso da primeira pessoa do singular é predominante (ver Quadro 2), mostrando assim como o autor se manifesta como o sujeito “eu” na composição do texto. Essa subjetividade explícita, característica do gênero, é bastante marcante nesse ensaio de Braga.

Outra marca é a própria questão proposta pelo texto como uma reflexão que faz emergir uma nova teoria ainda inacabada. Constitui uma proposição de um ponto de vista sobre a discussão da tatuagem como um gênero discursivo, apresentando uma perspectiva agregada a um referencial teórico que é transposto para esse novo objeto e seu contexto.

Além disso, a temática refere-se a uma temporalidade presente, outra marca do ensaio à Montaigne. A discussão reflete o contexto atual, bem como envolve a interação social da tatuagem. Isso se observa neste trecho em que o autor cita Bakhtin para fundamentar sua proposição:

“Bakhtin (1985) aponta que a riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da atividade humana existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce, à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”.

Aparecem ainda marcas gramaticais menos frequentes, mas que reforçam o tom ensaístico. Na frase “*Note que, nesse outro momento históricos[...]*”, o autor utiliza “Note” apontando para um diálogo explícito e direto com o leitor. Outros casos, como “*Novamente enfatizo, que tanto as formas dos desenhos como os lugares corporais onde eram feitos são*

*decisivos [...]*” e *“Insisto que elas hoje também têm seus significados.”*, o uso de “insisto” e “ênfase”, presentes no final do texto podem demonstrar a afirmação do autor sobre as questões expostas.

Para finalizar, o autor ainda se utiliza de outro recurso marcante no ensaio: conclui seu texto expondo novos questionamentos, deixando em aberto, como uma reflexão em processo, uma teoria, ainda inacabada.

No Ensaio 3, há um confronto de vários teóricos para defender a interligação entre ideologia e linguagem. Para tanto, o autor comunga com as análises de Foucault ao mostrar a necessidade de inúmeros campos de saber para que um novo enunciado aconteça, não existindo, assim, um único sujeito responsável pelo discurso. Tal afirmação serve como justificativa para a própria criação do ensaio acadêmico que surge a partir do questionamento de teorias para apresentar uma outra do próprio ensaísta.

Na análise das pessoas dos verbos (ver Quadro 2), percebe-se que é o ensaio que menos apresenta essas ocorrências, com apenas 10 na primeira pessoa do singular, situadas todas nas primeiras partes do texto, nas quais a autora se posiciona frente à relação que vai estabelecer entre os cinco teóricos escolhidos. Nessa primeira parte também aparece uma ocorrência do verbo em primeira pessoa do plural, bem como os seis dos sete verbos em terceira pessoa.

No desenvolvimento do texto, não há verbos que demonstrem o posicionamento da autora; há, apenas, a exposição da teoria dos autores em questão. Na conclusão, aparece uma ocorrência do verbo em terceira pessoa, quando são feitas a análise e a conclusão do texto.

Nota-se, neste ensaio, a presença de um discurso objetivado, sendo considerado como ensaio apenas pela característica da discussão teórica apresentada. Silva denomina em seu resumo o texto como “ensaio”, devido ao seu caráter reflexivo e questionador acerca do tema e da comparação, “controvérsias”, como a própria autora denomina.

### **3 Conclusão**

A análise do *corpus* permite-nos afirmar que não há discurso sem o “eu” por mais que predomine o apagamento do sujeito, como pretende o discurso da ciência. O discurso acadêmico, pelo próprio meio de circulação, exige racionalidade, desafetação, afirmações baseadas em pesquisas, entre outros elementos que marcariam esse tipo de discurso.

Devem-se reconhecer as diferenças entre os tipos de discursos para não pecar em analisá-los de uma mesma forma. Isso, no entanto, não impossibilita a presença de uma

heterogeneidade mesmo em lugares não previstos. Portanto, pode-se perceber, no ensaio acadêmico, a permanência de uma subjetividade ora menos explícita, como no ensaio de Zir, ora mais explícita, como no ensaio de Braga.

Conclui-se, então, que a subjetividade pode ser considerada uma das marcas do ensaio que se mantém mesmo quando esse gênero passa a circular na academia. Com mais ou com menos intensidade, o ensaio acadêmico permite que o autor exponha seu posicionamento frente a uma questão apresentada, e tal posicionamento - apresentado como um novo ponto de vista sobre determinado objeto, teoria ou algo do cotidiano ou ainda como uma reflexão inacabada - nada mais é do que o olhar subjetivo do autor sobre ele próprio. Essa característica do ensaio à Montaigne permanece como marca inerente a esse gênero livre, híbrido e adaptável mesmo dentro das amarras acadêmicas.

## Referências

- BUENO, L. B. A subjetividade na socialização do discurso acadêmico. **Revista de Pesquisa e Pós-Graduação**, Santo Ângelo, 2003.
- CORACINI, Maria José. Perscrutando a filosofia da ciência... In: \_\_\_\_\_. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991. p. 25-40.
- GALVÃO, Sylvia Coutinho Abbott. O gênero ensaio: momentos de diálogos/confronto e murmúrio subjetivo. **Vivência** nº 31: 9-15. 2006
- GÓMEZ-MARTINEZ, José Luis. **Teoria del ensayo**. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/critica/ensayo/gomez/ensayo1.htm>> Acesso em 25 jun. 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-38.
- MATIAS, André. Ensaio: textos de simbioses protéicas. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E GÊNEROS TEXTUAIS, 4º, 2007, Tubarão, Santa Catarina, **Anais...** Tubarão, Santa Catarina, 2007. p. 575-588.
- MOISÉS, Massaud. O ensaio literário. In: \_\_\_\_\_. **A criação literária**. Prosa. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/216024> Acesso em 25 jun. 2009.
- MOTTA-ROTH, Désirée. A importância do conceito de Gêneros discursivos no ensaio de redação acadêmica. **Intercâmbio** 8:119-28. 1999.
- PENA, Elka Beatriz felix. Artigo e ensaio científicos: dois lados de uma mesma moeda? **I ENCONTRO MEMORIAL DO ICHS: nossa História com todas as Letras**, 2004, Mariana, MG. Anais do I Encontro Memorial do ICHS: nossa História com todas as Letras, 2004.
- POSSENTI, Sírio. O eu no discurso do outro ou a subjetividade mostrada. In: \_\_\_\_\_. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar edições, 2002. p. 61-73.